

Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia

† *António Marto*

Leria, 15 de setembro de 2015,
Memória de Nossa Senhora das Dores

Ref. CE2015B-008

Caríssimos diocesanos

Irmãs e irmãos no Senhor Jesus

Ao iniciar esta carta de apresentação do percurso pastoral da nossa diocese para o próximo biénio, desejo, antes de mais, saudar-vos fraternalmente no Senhor.

Foi bom e belo o percurso destes dois últimos anos dedicados à pastoral familiar, que culminou na grande Festa das Famílias. “A alegria e a beleza de viver em família” à luz da fé tocou muitos corações, despertou entusiasmo, animou grande número de famílias, suscitou dedicação e empenho nas comunidades, abriu e potenciou caminhos de serviço pastoral em relação aos vários âmbitos e situações familiares.

Todo este dinamismo não pode abrandar agora, quando entramos num novo biénio dedicado a Nossa Senhora. Ela foi mulher, esposa, mãe e cuidou da família de Nazaré, vivendo mesmo situações de provação. Por isso, ela é modelo, guia e amparo para as nossas famílias. Uma genuína e sólida espiritualidade mariana é uma forte ajuda para “a alegria e a beleza de viver em família” na companhia de Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia.

1. O Centenário das Aparições

Aproxima-se a data jubilar do Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. É um momento importante para a nossa diocese. Um ano jubilar é uma grande convocação para nos alegrarmos, agradecer e fruir este tão grande dom de Deus e tudo o que ele trouxe à Igreja e à humanidade. Não podemos de modo algum desperdiçar esta ocasião de celebração e de memória.

O mais importante, porém, não são os rituais, nem as cenografias ou montagens estéticas. A celebração de um ano jubilar pode e deve ser sobretudo um grande acontecimento profético. Para além do aspeto comemorativo, deve ser vivido na sua permanente atualidade de graça e de renovação para a Igreja e para o mundo de hoje, rumo a um futuro melhor.

A nossa diocese tem uma responsabilidade acrescida, porque foi no seu espaço geográfico que se realizou o acontecimento-mensagem de Fátima, porque os primeiros protagonistas a quem foi confiada a mensagem foram membros da Igreja diocesana e porque tudo se perpetua e continua vivo no e através do nosso Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Como cada batizado tem um carisma próprio para o serviço da comunidade, assim cada Igreja local tem o seu próprio carisma para oferecer à catolicidade da Igreja, para o enriquecimento comum. Também a nossa diocese tem este carisma: cuidar do dom das Aparições de Nossa Senhora e da sua mensagem específica, vivendo-o e difundindo-o para o fortalecimento da fé, para a renovação da Igreja e a paz no mundo. Trata-se de um carisma que se vai configurando e aprofundando através do tempo. Este tempo do jubileu pede-nos uma maior consciência desta responsabilidade. À sua preparação e celebração decidimos dedicar o próximo biénio pastoral.

2. O Ano Santo da Misericórdia: o caminho da Igreja no novo milénio

No passado dia 11 de abril, o Santo Padre proclamou um Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, a começar no próximo dia 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição, e a encerrar no dia 20 de novembro de 2016, solenidade de Cristo Rei. Na bula de proclamação, o Papa Francisco justifica o motivo: “A *primeira missão* da Igreja é introduzir todos no grande mistério da misericórdia de Deus contemplando o rosto de Cristo, sobretudo num momento como o nosso, cheio de grandes esperanças e de fortes contradições” (MV 25).

Nesta missão joga-se também a credibilidade da Igreja que “passa pelo caminho do amor misericordioso e compassivo” (MV 10). Aos bispos de Timor-Leste, na visita *ad limina*, o Papa

especificava: “Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de nos inserir num mundo de ‘feridos’ que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor. Por isso, não me canso de chamar a Igreja inteira à ‘revolução’ da ternura’ (Cf. EG 88)”.

De facto, vivemos hoje num mundo ferido – nos mais variados aspetos da vida pessoal, familiar, social – e cínico no estilo de vida fechado no bem-estar individual, na indiferença, na competitividade e na violência. *Este nosso mundo ferido e cínico tem necessidade de uma cura de misericórdia.* Se os cristãos não procurarem na misericórdia o seu carácter distintivo e se nós todos não voltarmos a dar a cidadania cultural à compaixão, à mansidão e à misericórdia, acabaremos vítimas do cinismo mais frio, calculista ou cruel.

“Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé parece encontrar a sua síntese nestas palavras”, assim começa o texto da bula do Ano Santo (MV 1). Mas, no final, o Santo Padre refere-se a Maria Mãe da Misericórdia nestes termos: “A doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo para podermos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus. Ninguém como Maria conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem. Na sua vida, tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne” (MV 24).

3. O biénio pastoral: Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia

Em comunhão com a Igreja universal, não podemos deixar de integrar o Ano Santo da Misericórdia no nosso percurso pastoral. Aliás, este aspeto veio valorizar ainda mais o nosso programa, uma vez que o cerne da mensagem de Fátima é, como veremos, Graça e Misericórdia. *Em Fátima, Deus deu também uma lição sobre Si mesmo, sobre o seu modo de ser e de agir: uma lição sobre a misericórdia que pertence a Deus como traço essencial.* É um ensinamento que não podemos esquecer.

O grande protagonista do acontecimento Fátima é o próprio Deus misericordioso que, através de Maria, Mãe de Jesus e da Igreja, envia uma mensagem e um apelo concreto ao mundo numa situação trágica. Maria fala-nos de Deus com a linguagem do seu coração materno. Neste sentido, *escolhemos como tema geral do biénio a figura de Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia.*

É certo que Maria não é o centro do cristianismo. Não pode de modo algum substituir a Cristo, único mediador e salvador. Mas ela tem um lugar e uma missão singulares ao lado de Cristo e ao serviço de Cristo, da Igreja e da humanidade, precisamente como Mãe do Salvador, unida a Ele por laços indissolúveis.

O II Concílio do Vaticano afirma que “Maria, pela sua participação íntima na história da salvação, reúne por assim dizer e reflete em si as mais altas verdades da fé” (LG 65). E João Paulo II explicita: “Ela é como um espelho em que se refletem, da maneira mais profunda e luminosa, as maravilhas de Deus” (RM 25).

O nosso amor a Maria é muito mais do que uma mera devoção sentimental; é, antes, a contemplação da beleza do amor misericordioso de Deus por nós, pela humanidade dispersa que Ele quer reunir; é a contemplação da beleza da Igreja como Povo do Senhor, de que ela é membro eminente e mãe amorosa; e da beleza da vida com Cristo, de quem ela foi mãe e primeira e perfeita discípula.

Nesta perspectiva, vamos contemplá-la ao longo destes dois próximos anos. No primeiro ano, temos como objetivo “pôr em relevo a figura de Maria na história da salvação e na vida do Povo de Deus”, sob o lema “Feliz de ti que acreditaste” (Lc 1, 45); no segundo ano, o objetivo será “mostrar o relevo das Aparições de Fátima para a vida cristã e eclesial hoje”, sob o lema “O meu Coração Imaculado conduzir-vos-á até Deus”.

Naturalmente, tudo tem em vista uma renovação da vida cristã e da Igreja. Como afirma perspicazmente o cardeal W. Kasper, “*uma verdadeira renovação da Igreja não é possível sem uma renovada mariologia e sem uma renovada devoção a Maria. Por isso, Maria pode ser também hoje um modelo para uma renovação da vida da Igreja e ajudar a realizá-la*”.

4. Muitos títulos, uma só Senhora, uma só Mãe

Desejaria ainda esclarecer, à partida, um equívoco que grassa por vezes no meio do nosso povo.

São muitos os santuários marianos no mundo e inúmeras as invocações a Maria. Há pessoas convencidas de que estes títulos se referem a “Nossas Senhoras” diferentes, a ponto de alguns discutirem qual é a mais poderosa ou mais milagrosa.

Mas só existe uma Nossa Senhora, a Mãe de Jesus e nossa Mãe, que acompanhou e acompanha os seus filhos em todos os lugares e culturas e nos ensina a buscar a unidade na fé e no amor em Cristo. Por isso, ela não tem problema em apresentar-se com vestes diversas e em cores de pele diferentes. Não tem receio em falar-nos em distintas línguas e linguagens.

Ao longo da história, o grande amor dos fiéis foi dando diferentes títulos à Virgem Mãe, segundo os lugares em que foi vivenciada a sua presença (Guadalupe, Aparecida, Lurdes, Fátima...), segundo os mistérios da sua vida com Cristo (Anunciação, Encarnação, Assunção...), segundo a forma como

experimentaram a sua ajuda ou conforto nas várias situações da vida (Mãe de Misericórdia, Senhora da Saúde...). Mas é sempre a mesma e única Senhora que se manifesta ou atua nos diferentes lugares e de diversas formas.

A FIGURA DE MARIA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Vamos agora refletir sobre o mistério da salvação comunicado a Maria, no qual ela é chamada a participar e colaborar de modo singular e extraordinário. Trata-se de uma meditação, em estilo narrativo, seguindo os passos da Mãe do Senhor tal como a descrição dos Evangelhos nos permite acompanhá-los desde Nazaré, Belém, Caná até ao Calvário e ao Cenáculo do Pentecostes. *Seguimos a bela indicação de João Paulo II: “A Igreja olha Maria através de Jesus, como olha Jesus através de Maria” (RM 26). Assim compreendemos a posição única de Maria na história da salvação, no mistério de Cristo e da Igreja.*

5. O grande anúncio a Maria (Lc 1, 26-38): Mãe do Filho de Deus

A importância de Maria na história da salvação torna-se clara, se considerarmos o título mariano fundamental de Mãe de Jesus, Mãe do Senhor, que lhe é anunciado como Filho do Altíssimo, e por isso Mãe de Deus. Ela é introduzida definitivamente no mistério de Cristo, mediante o acontecimento da anunciação do Anjo.

O mensageiro de Deus visita-a e comunica-lhe precisamente o anúncio do maior acontecimento da nossa história: a encarnação do Filho de Deus.

É interessante notar que o relato inicia com o convite à alegria. “Alegra-te, ó cheia de graça, o Senhor está contigo” – são estas as primeiras palavras que o Anjo dirige a Maria. Não se trata de mera saudação usual, como poderia parecer à primeira vista. Lidas à luz das profecias do Antigo Testamento, constituem um anúncio de alegria pela vinda do Messias (Salvador). Trata-se de uma saudação que marca o início do Evangelho como Boa Nova comunicada a Maria e através dela à humanidade.

De facto, o Anjo apresenta à Virgem Maria o projeto da salvação de Deus de vir morar no meio do seu povo e pede-lhe a colaboração para ser mãe do Redentor que lhe é anunciado como Filho do Altíssimo.

Ela fica surpreendida e perturbada, mas o Anjo diz-lhe uma palavra de consolação: “Não temas, pois achaste graça diante de Deus... A Deus nada é impossível” (Lc 1, 30.37). Como quem lhe diz: tu levas Deus em ti, mas Deus leva-te a ti!

Maria pôde assim dar a sua resposta livre, o seu sim: “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua Palavra”. Colocou-se totalmente à disposição do projeto salvífico de Deus em favor dos homens, abriu-Lhe de par em par as portas do seu coração e do seu seio, tornando-se morada do Altíssimo. *O sim de Maria é a porta pela qual Deus entra na nossa história assumindo a natureza humana.*

A maternidade de Maria não é algo meramente biológico. É um acontecimento de fé: “recebeu a Cristo no seu coração pela fé, antes de O receber no seu seio” (Santo Agostinho). *Como mãe do Redentor, partilhou intimamente toda a sua vida e missão, permanecendo a seu lado desde o berço até ao calvário. “Cristo e a sua Mãe são inseparáveis” (Papa Francisco). Ela tornou-se a primeira crente e discípula perfeita do Filho, modelo de todos os crentes.*

Para realizar esta missão materna, Deus preparou-a de modo especial. O mensageiro não a chama pelo nome próprio Maria; chama-a pelo nome dado por Deus, “a cheia de graça”, isto é, cheia do amor de Deus que a torna toda santa, preservando-a de todo o contágio do pecado desde o início da sua existência. Além disso, explicita a maternidade virginal de Maria para ficar clara a origem divina de Jesus, Filho de Deus feito homem, pela obra inimaginável do Espírito Santo.

Como é que Maria na sua maternidade ilumina a fé e a espiritualidade do cristão e a missão pastoral da Igreja? Eis dois belos textos dos Papas João Paulo II e Bento XVI, respetivamente:

“Maria leva-nos a aprender o segredo da alegria cristã, lembrando-nos que o cristianismo é antes de mais Evangelho, boa notícia que tem o seu centro e o seu conteúdo na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo feito carne, único Salvador do Mundo” (João Paulo II, RVM 20).

“A Virgem Maria, pelo seu papel insubstituível no mistério de Cristo, representa a imagem e o modelo da Igreja. Também a Igreja, como fez a mãe de Cristo, é chamada a acolher em si o mistério de Deus que habita nela... a refletir cada vez mais o seu verdadeiro rosto no qual Deus se aproxima e encontra os homens. A Igreja, corpo vivo de Cristo, tem a missão de prolongar na terra a presença salvífica de Deus, de abrir o mundo a algo maior do que ele mesmo, ao amor e à luz de Deus” (Bento XVI, Homilia, 26/03/2012).

Perante a grandeza do mistério da maternidade divina de Maria, rezemos a conhecida antífona: “Virgem Santa Imaculada, não há palavras dignas do vosso louvor: por vós recebemos o Salvador do mundo, Jesus Cristo, Nosso Senhor”!

6. A grandeza da fé de Maria (Lc 1, 39-45): “Feliz de ti que acreditaste”

As boas notícias são para se comunicarem. Não há coração tão grande que seja capaz de as conter: sente-se necessidade de as partilhar com os amigos, com os mais íntimos. *Assim, ao acabar de dizer o “sim” (faça-se), como discípula perfeita, Maria parte logo em missão. Não guarda para si a graça recebida. O seu primeiro gesto foi dirigir-se ‘apressadamente’ em visita à prima Isabel para partilhar a boa nova, o segredo íntimo que ambas traziam dentro de si, para lhe levar Cristo e, com Ele, a ternura e o afeto da companhia e do apoio. Eis a discípula missionária, a Senhora da prontidão e da ternura.*

Isabel, por sua vez, antecipou-se exclamando: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre. De onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?”. Esta última frase da saudação é semelhante à que no Antigo Testamento era dirigida à Arca da Aliança. Assim, Maria é a Arca Santa em pessoa e traz em si a presença de Deus que é fonte de consolação e de alegria.

Por fim, Isabel mostra que a raiz de toda esta alegria é a fé: “Feliz de ti que acreditaste”! *Exalta a grandeza da fé de Maria que aceita tornar-se morada de Deus e colaborar com Ele para a salvação do mundo através da sua maternidade. Santo Agostinho comenta de modo excelente: “Maria foi maior em receber a fé em Cristo do que em conceber a carne de Cristo. Por isso, a consanguinidade materna de nada teria aproveitado a Maria, se ela não se tivesse sentido mais feliz em hospedar Cristo no coração do que no seio” (Sermão 215, 1).*

*Eis aqui a imagem e o modelo da Igreja discípula missionária, Igreja em saída. “Aquele que recebeu o dom mais precioso de Deus, como primeiro gesto de resposta, pôs-se a caminho para servir e levar Jesus. Peçamos a Nossa Senhora que também nos ajude a transmitir a alegria de Cristo aos nossos familiares, aos nossos companheiros, aos nossos amigos, a todas as pessoas” (Papa Francisco, *Angelus* no Rio de Janeiro).*

7. *Magnificat*, o canto da misericórdia (Lc 1, 46-55)

A alegria profunda da visitação e do encontro com Isabel prolonga-se e exprime-se, de modo singular e surpreendente, no canto que brota do coração e dos lábios de Maria, o *Magnificat*. É um dos textos mais belos e expressivos do Novo Testamento. O que leva Maria a entoar este hino maravilhoso?

Depois do colóquio com Isabel, meditando tudo à luz da fé, ela descobre que tudo o que nela acontece é obra da misericórdia de Deus ao serviço da grande história da salvação. Então, *exulta de alegria e proclama a grandeza de Deus, da sua bondade e misericórdia que atua e se revela, não só na sua humilde pessoa, mas também na história do seu povo de Israel e na história do mundo*, particularmente na sua predileção pelos últimos, os pobres, os pequenos, os humildes, os humilhados e oprimidos. No *Magnificat*, lê toda a história da salvação como história da misericórdia de Deus. Nele se reflete também a dimensão política e social: pela sua misericórdia, Deus faz justiça no mundo, derruba os poderosos e exalta os humildes.

Maria experimenta, canta e revela o amor fiel e misericordioso de Deus “que se estende de geração em geração” até hoje, ao nosso tempo. Portanto, também a nossa geração está incluída nesta promessa.

Como Maria e com ela, também nós podemos e devemos fazer a experiência da misericórdia de Deus deixando-nos salvar por Cristo; cantá-la descobrindo nos complexos caminhos e dramas do mundo a vitória da misericórdia sobre o mal; testemunhá-la vivendo as bem-aventuranças dos misericordiosos, a compaixão do bom samaritano, realizando as obras de misericórdia e promovendo a solidariedade, a justiça e a paz na sociedade.

O acontecimento da visitação de Maria a Isabel com o canto do Magnificat é uma imagem maravilhosa da Igreja do Magnificat, isto é, da misericórdia, do louvor e da alegria.

8. A presença nas bodas de Caná (Jo 2, 1-11): “Fazei o que Ele vos disser”

O Evangelho de S. João apresenta Maria no início do ministério público de Jesus nas bodas de Caná da Galileia, onde também se encontravam os discípulos. Aí Jesus realiza o seu primeiro milagre, transformando água em vinho para que não se estragasse aquela festa. Maria tem aqui um papel importante. É ela a notar a falta de vinho comunicando-a a Jesus: “Não têm vinho”. Manifesta assim a sua atenção terna e concreta e também a confiança incondicional no Filho.

Este primeiro milagre de Jesus é classificado pelo evangelista como o “primeiro sinal” que aponta para outra realidade maior. Com este sinal, Jesus transforma as bodas humanas na imagem das bodas da

Nova Aliança de Deus com o seu povo. Para esta bodas, Jesus convida o seu povo, representado pelos seus discípulos e a sua mãe, e oferece o amor superabundante de Deus simbolizado no vinho novo e abundante para viver a alegria e a festa da comunhão.

Assim, a verdadeira finalidade do episódio de Caná é a manifestação da infinita bondade de Deus e o despertar da fé, como se pode ver no final da narração: “Ele manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n’Ele”.

A partir daqui, podemos compreender a missão de Maria visível neste episódio: é a mãe atenta às dificuldades e necessidades dos homens, que apresenta ao Filho para que não falte a alegria do Evangelho, da ternura e da misericórdia. É simultaneamente porta-voz e intercessora do povo e porta-voz da vontade do Filho, em cujas mãos põe tudo e n’Ele confia.

Eis, a propósito, um belo comentário do então cardeal J. Ratzinger, numa homilia em Fátima: *“No texto das bodas de Caná estão também as palavras de Maria aos serventes; depois do fiat (faça-se segundo a tua palavra), são talvez as suas palavras mais belas. No fundo, são só uma aplicação para nós do seu fiat: ‘Fazei o que Ele vos disser’.* Para nós significa: conformai-vos à vontade de Deus. Escutai e estai prontos ao seu chamamento. Com estas palavras, convida os serventes e convida-nos a nós à fé... Convidou à fé e levou ao verdadeiro milagre... Fazei o que Ele vos disser, acreditai em Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo... Acreditai e vereis a medida cheia do amor superabundante de Deus que nos salva. Acreditai e recebereis o vinho saboroso da presença de Deus na vossa vida”.

Maria aparece em Caná como mulher crente, colaboradora de Jesus na missão da Nova Aliança, desejosa de expandir a fé, que pede a cada um de nós a fé para aceder à alegria da comunhão com Deus e formar o novo povo que é a Igreja.

9. O caminho de peregrinação na fé

Não vamos pensar que a fé inicial de Maria foi sempre “de vento em popa”, sem conhecer dificuldades, perturbações ou provações. *Também Maria teve de ir assimilando pouco a pouco o Evangelho anunciado por Jesus. O sim da anunciação foi o início de um longo itinerário para Deus, de uma verdadeira peregrinação na fé.* Teve de renovar cada dia a fé profunda com que disse o seu primeiro sim, para o manter fiel durante toda a vida até à entrega do Filho na cruz.

Desde cedo, a sua fé passou por situações que a puseram à prova: o risco de perder o amor de José, seu noivo, por aceitar a maternidade divina, o nascimento do menino num pobre estábulo em Belém, a

fuga para o Egito, a apresentação do menino no templo quando ouviu a desconcertante profecia de Simeão: “uma espada de dor atravessará o teu coração”, a perda de Jesus no templo. *Maria vive a “noite da fé” que atinge o seu auge aos pés da cruz unida a Cristo sofrendo no seu despojamento total.* Mediante a fé, a mãe participa na morte do Filho com fidelidade, de modo bem diferente dos apóstolos, que fugiram.

Como é que Maria pôde viver este caminho ao lado do Filho com uma fé sólida, mesmo na obscuridade – quando Deus parece ausente ou em silêncio –, sem compreender tudo e sem perder a plena confiança em Deus? O evangelista S. Lucas revela-nos a atitude de fundo com que ela enfrentava estes acontecimentos: “Maria guardava todas estas coisas meditando-as no seu coração” (Lc 2, 19); e “Mas eles [os pais] não compreenderam as palavras que lhes disse... Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc 2, 51). Isto significa que Maria entrava em diálogo íntimo com a Palavra de Deus anunciada: recordava e relacionava no seu coração os acontecimentos e a Palavra, discernindo desta forma os desígnios de Deus. Assim adquire a compreensão que só a fé lhe pode garantir e permitir “esperar contra toda a esperança”.

Neste contexto, compreendemos as referências elogiosas de Jesus a sua mãe como ouvinte da Palavra, que a torna membro da grande família espiritual que é a Igreja: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que escutam a Palavra de Deus e a cumprem” (Lc 8, 18-21) e “Felizes antes aqueles que escutam a Palavra de Deus e a guardam” (Lc 11, 27-28).

10. A Mãe junto à Cruz (Jo 19, 25-27): “Eis o teu Filho”

Vamos agora até junto à cruz de Jesus e deixemos que seja o Papa Francisco a introduzir-nos no último dom do testamento de Jesus.

“Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo. Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai Lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: «Mulher, eis o teu filho!». E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: «Eis a tua mãe!» (Jo 19, 26-27). *Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério de uma missão salvífica especial.* Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. E só depois de fazer isto é que Jesus pôde sentir que «tudo se consumara» (Jo 19, 28). Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-

nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino. Ela, que O gerou com tanta fé, também acompanha «o resto da sua descendência, isto é, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus» (Ap 12, 17)” (EG 285).

Junto à cruz, Maria oferece o Filho das suas entranhas, participa do amor misericordioso com que Ele Se oferece pela redenção de todos. Por este motivo, a sua maternidade divina, o amor de mãe de Jesus estende-se à Igreja e à humanidade. Ela recebe a missão de acolher o discípulo amado e todos quantos ele representa como filhos e filhas. O discípulo amado é, na verdade, o símbolo da comunidade cristã, de cada um de nós enquanto discípulos amados do Senhor.

“Eis o teu filho”, “eis a tua mãe” – é dito para cada um pessoalmente. Aqui “está plenamente indicado o motivo da dimensão mariana da vida dos discípulos de Cristo... A maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente” (RM 45).

“Eis a tua mãe. E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua”. Não se trata só do acolhimento na sua casa. Segundo o texto grego original, significa que acolheu Maria como mãe no mais íntimo da sua vida, no seu coração, na profundidade do seu ser, entre os bens mais preciosos, em todo o seu espaço vital.

Concluindo, Maria faz parte da Igreja e da vida de fé do discípulo como um bem precioso e um valor vital; a Igreja e cada fiel podem reconhecer nela a mãe que lhes foi confiada e a quem eles foram confiados. Isto suscita em nós o amor a Maria e convida-nos a deixarmos que este amor alimente o nosso amor a Cristo e à Igreja.

11. No cenáculo do Pentecostes (At 1, 13-15): Maria no meio da comunidade

Os Evangelhos não referem qualquer aparição de Jesus Ressuscitado a sua mãe. Todavia, no livro dos Atos dos Apóstolos, Maria aparece já integrada na comunidade dos que creem no Ressuscitado.

Na véspera do Pentecostes, vemos os apóstolos reunidos no cenáculo “assíduos e concordes na oração com algumas mulheres e com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus” (At 1, 14), para invocarem o Espírito Santo. Também ela recebeu o Espírito do Pentecostes para realizar a sua missão própria na Igreja, mesmo sem receber a missão apostólica.

Desde o acontecimento do Pentecostes, ela está presente no meio da comunidade cristã enquanto mãe de Jesus, como “memória viva” e permanente de Jesus e elo de comunhão íntima com Ele; está presente no

nascimento e crescimento da Igreja como casa de comunhão e no seu envio em missão, em saída para o mundo e todas as periferias geográficas e existenciais.

“Juntamente com o Espírito Santo, Maria está sempre no meio do povo. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora... Pedimos-lhe que nos ajude com a sua oração materna para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos e torne possível o nascimento de um mundo novo” (EG 284.288).

12. Elevada ao Céu, sinal de esperança para o povo peregrino

A fé da Igreja crê e afirma que a Virgem Maria, uma vez concluída a sua vida terrestre, foi elevada à glória de Deus, assumida na plenitude da vida eterna na totalidade do seu ser corpóreo-espiritual com toda a riqueza da sua humanidade, feminilidade e maternidade.

Alguém escreveu que o mistério da assunção gloriosa de Maria ao Céu é mais para ser cantado do que explicado. É a festa do coroamento da existência da Mãe de Jesus. O nosso povo compreende esta verdade com a intuição da fé e do coração. Aquela que foi a primeira e única a receber Jesus, o Filho de Deus, no seu coração e no seu seio, que O seguiu fielmente toda a vida, é também a primeira dos redimidos a ser recebida pelo Filho ressuscitado, a participar da plenitude da vida eterna, que nós chamamos Céu, Paraíso, Casa do Pai. *Assim, Maria indica-nos, de modo luminoso, a beleza da meta definitiva da nossa peregrinação no mundo.*

Além disso, continua a exercer a sua maternidade espiritual e universal de modo novo. Unida totalmente a Deus no Céu, ela não se afasta de nós, não vai para uma galáxia ou zona distante e desconhecida do nosso universo. “O Céu de Deus não pertence à geografia cósmica (o céu das estrelas), mas à geografia do coração” (J. Ratzinger), isto é, do amor eterno e santo. Assim, Maria elevada ao Céu participa do amor universal de Deus e da sua presença connosco. Está muito próxima de nós, de cada um de nós, na comunhão dos santos. Tem um coração grande como o amor de mãe que partilha do amor universal de Deus. Pode estar perto, escutar, ajudar, interceder, acompanhar e advertir como mãe do bom conselho. *Como a mulher do Apocalipse (Ap 12, 1-10), não nos deixa sós, mas assiste-nos na constante luta com as forças destruidoras do mal, simbolizadas na figura do dragão sanguinário, no combate entre o bem e o mal, a vida e a morte, a graça de Deus e o pecado.* “De facto, depois de elevada aos Céus, não abandonou esta missão salutar... Com o seu amor de mãe, cuida dos irmãos do seu Filho que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. Por isso, a

santíssima Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, amparo e medianeira” (LG 62).

Nesta missão, a Mãe celeste pode visitar-nos com o seu amor materno, para trazer esperança e consolação ao povo peregrino no meio das lutas e tribulações da história.

FÁTIMA HOJE: A ATUALIDADE DA MENSAGEM

Vamos agora meditar e aprofundar a singular mensagem que Nossa Senhora glorificada, “a toda vestida de branco”, nas Aparições de 1917, na Cova da Iria, confiou aos três Pastorinhos que foram objeto, porta-voz e testemunhas da sua ternura e complacência maternal. A autenticidade e verdade das Aparições e da mensagem foram reconhecidas pela Igreja, pertencendo ao âmbito das chamadas revelações privadas.

13. Uma revelação privada

As revelações privadas não são um novo evangelho; mas são um eco, um apelo ou imperativo do Evangelho numa determinada situação histórica de gravidade para a Igreja e o mundo. Conforme ensina o Catecismo da Igreja Católica, elas nada acrescentam de novo ao essencial da fé, “o seu papel não é ‘aperfeiçoar’ ou ‘completar’ a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente numa determinada época histórica” (CIC 67).

Com frequência, em relação às aparições encontra-se uma curiosidade doentia que se fixa em pormenores periféricos sem captar o fundamental. No caso de Fátima, muitos olham-na como um conjunto de práticas ou devoções avulsas, fragmentadas, dispersas e até rotineiras, sem ligação ao núcleo da mensagem e sem o respetivo enquadramento. Os órgãos de comunicação social, quando focam só as promessas, o consumo das velas e as penitências de joelhos, deixam na sombra o essencial e o mais belo do tesouro e da experiência espiritual que ali se encontra.

14. A mais profética das aparições modernas: um olhar sobre o futuro do mundo

Podemos e devemos, pois, interrogar-nos: o que há de particular na mensagem de Fátima que justifique a atenção que suscita, a atração que exerce, o amplo eco que alcançou? Num primeiro momento e à

primeira vista, parece que nada tem de especial, porque é uma mensagem confiada a crianças pobres e analfabetas, que falam de uma novidade imprevista que as excede mas as atrai e seduz; uma mensagem adaptada à sua mentalidade, ao seu mundo simples de há muitos anos, expressada em conceitos que se referem à linguagem da época e nos podem parecer ultrapassados. Poderá dizer ainda algo ao mundo de hoje?

Precisamente por isso, impressiona-nos e surpreende-nos que o contexto e o conteúdo da mensagem não se confinam a um caminho de fé pessoal dos pequenos videntes, a uma circunstância particular do seu país ou a uma determinada verdade da fé em questão. *O seu horizonte é de alcance histórico e mundial*: refere-se às duas guerras mundiais e aos sofrimentos da humanidade com a morte e o extermínio de milhões de inocentes; aos regimes ateus e totalitários com um programa de negação de Deus e de perseguições à Igreja com a menção dos mártires do século XX (hoje contabilizados em 26.685.000 pelo historiador Andrea Riccardi) e do próprio Papa; e à grande causa da paz entre os povos. Tudo isto acompanhado pela promessa da misericórdia de Deus que se inclina sobre este mundo ameaçado e por um chamamento muito forte aos homens a não se resignarem à banalidade e à fatalidade do mal: é possível vencê-lo a partir da conversão do coração a Deus, da oração e da reparação do pecado do mundo.

É dentro deste contexto trágico que a Virgem Maria surge, em Fátima, como uma “visão de paz” e uma luz de esperança para a Igreja e para o mundo. Talvez só hoje, à distância de quase um século, estejamos em condições de compreender com maior profundidade a verdade e todo o alcance desta mensagem.

Nesta perspetiva, Fátima apresenta-se como um sinal de Deus para a nossa geração, uma palavra profética para o nosso tempo, uma intervenção divina na história da humanidade mediante o rosto materno de Maria, uma luz sobre a história. *Quando, porém, Maria realiza uma missão recebida de Deus, nunca é por algo sem importância ou por questões marginais*; trata-se sempre do grave problema do destino do mundo e da salvação dos homens.

Por tudo isto, o Papa S. João Paulo II ousou afirmar que “entre os sinais dos tempos do século XX sobressai Fátima, que nos ajuda a ver a mão de Deus, Guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX”. Nesta sequência, o Papa Bento XVI não hesitou em apresentar Fátima como “a mais profética das aparições modernas”.

15. A mensagem para hoje

Não é este o momento de apresentar a história e o texto das Aparições. Num futuro próximo sairá a lume um opúsculo sobre esse assunto. *Agora, interessa-nos sublinhar alguns aspetos de carácter permanente e a sua aplicação ao nosso tempo, acentuando a dimensão evangelizadora da mensagem, segundo a orientação que o Papa Bento XVI deu aos bispos portugueses na visita ad limina em 2007:* “Aprez-me pensar em Fátima como escola de fé tendo a Virgem Maria por Mestre; lá ela ergueu a sua cátedra para ensinar aos pequenos videntes e depois às multidões as verdades eternas e a arte de orar, crer e amar”.

Nesta perspetiva, as práticas devocionais características de Fátima encontram assim um enquadramento teológico-espiritual e um fio lógico unificador.

16. O primado de Deus e do seu Amor Trinitário

Nas Aparições, torna-se evidente que o verdadeiro e principal protagonista de todo o acontecimento é Deus pessoal, no seu Amor Trinitário. É d’Ele toda a iniciativa. De facto, no início, no meio e no fim das aparições do Anjo e de Nossa Senhora estão precisamente a visão e a *experiência mística do mistério do Amor Trinitário em que os Pastorinhos foram iniciados, introduzidos, envolvidos, encantados e seduzidos pela sua beleza*. Expressa-o maravilhosamente o pequeno Francisco, no seu espírito contemplativo: “Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de ver Nosso Senhor naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!” (M 141). Lúcia, por sua vez, exclama: “É esta graça de Deus que atua em nós, levando-nos onde Deus nos quer conduzir, e vamos contentes, como crianças abandonadas nos braços do Pai” (CVM 38).

Esta experiência suscitou nos videntes, como resposta, a atitude de adoração onde germinam as virtudes da fé, da esperança e da caridade, como se pode ver nas orações simples que aprenderam do Anjo: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos...”; “Santíssima Trindade Pai, Filho, Espírito Santo adoro-Vos profundamente...”. A experiência do Amor Trinitário acompanhou sempre os Pastorinhos e deve ser também a marca da espiritualidade cristã de Fátima.

A meu ver, este é um dos aspetos essenciais da mensagem: reconduzir a adoração de Deus para o centro da vida da Igreja e do mundo, frente ao ambiente de ateísmo militante e persecutório que procurava erradicar Deus das consciências e da sociedade.

Hoje, porventura, o risco não é tanto o ateísmo militante, mas sim a *indiferença religiosa*, a indiferença e a insensibilidade em relação a Deus, o viver “como se Deus não existisse” e ainda o *neopaganismo* em que o lugar de Deus é ocupado pelos novos ídolos.

Por conseguinte, descobrir o gosto de Deus e da sua beleza, do seu Amor Trinitário, a dimensão contemplativa e mística da fé, neste ambiente de “eclipse cultural de Deus”, de ocultamento do sentido e da presença de Deus nas consciências, na sociedade e na cultura, constitui o grande desafio para o futuro da fé cristã e para a espiritualidade e a pastoral de Fátima. *Esta é a grande prioridade da evangelização: tornar Deus presente, próximo e íntimo e abrir aos homens o acesso à experiência amorosa de Deus. Uma das tarefas mais urgentes da Igreja hoje é despertar o gosto de Deus, o gosto e a alegria de crer. “O cristão de amanhã ou será místico ou não será cristão” (K. Rahner); só a experiência da presença íntima de Deus poderá manter viva a fé.*

17. Anúncio de graça e misericórdia

Na sequência da manifestação do Amor Trinitário de Deus situa-se o anúncio *de graça e misericórdia, de esperança e de conforto* para a Igreja perseguida e para a humanidade caída no inferno do ódio entre os povos, das guerras mundiais e dos genocídios. Nas aparições do Anjo, este diz aos videntes: “Os corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia” (M 170). E a visão deslumbrante com que se encerram as aparições à vidente Lúcia, em Tuy, termina com estas palavras em letras grandes: “Graça e Misericórdia!” (M 195). Graça do amor misericordioso é a síntese da mensagem de Fátima, em que Deus revela e oferece a sua misericórdia como conforto e força capaz de pôr um limite ao poder devastador do mal. Há esperança de redenção!

Por sua vez, esta mensagem vem acompanhada pelo convite urgente à conversão e à reparação. É um chamamento à cooperação nos desígnios de misericórdia, a não nos resignarmos à fatalidade e à banalidade do mal. Não podemos passar indiferentes ao mal nem tentar iludi-lo. Trata-se, pois, de uma mensagem de resistência e de superação: é possível vencer o mal, os poderes infernais ou diabólicos, a partir da conversão do coração a Deus e da reparação; entendida esta como um chamamento à corresponsabilidade no Amor Trinitário pela salvação do mundo, a reparar com Cristo o pecado do mundo e os seus estragos, particularmente pela Eucaristia, sacramento por excelência do amor reparador de Cristo.

Fátima ajuda-nos, assim, a ler a história com a consciência de que é possível mudá-la a partir de dentro, com a força que vem do alto. Este é um dos aspetos mais impressionantes da mensagem de Fátima: o chamar à solidariedade salvífica. *Deus pede-nos uma resposta e vem ao nosso encontro por Maria, para procurar colaboradores em favor dos outros*, porque se sentem envolvidos no drama da humanidade e das vítimas. Assim foi pedido aos videntes: “Quereis oferecer-vos a Deus (...) em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido?”. Bento XVI afirmou em Fátima, atualizando a mensagem: “Então eram só três, cujo exemplo de vida irradiou e se multiplicou em grupos sem conta por toda a superfície da terra que se votaram à causa da solidariedade fraterna”. Neste contexto, têm lugar e sentido a oração, a Comunhão reparadora, a reparação pela penitência até ao sacrifício como resposta à interpelação de Maria.

18. Centralidade eucarística

Quer na oração do Anjo na terceira aparição, quer sobretudo na visão de Lúcia com que encerram as aparições, o mistério da misericórdia de Deus-Amor Trinitário está centrado na oblação de Cristo na Cruz, donde flui no sinal do sangue para o altar da Eucaristia. Um mistério que a iconografia do Ocidente traduz de forma sintética na representação do “Trono da Graça”: O Pai que entrega o Filho para ser solidário com os homens e sofre na dor do seu amor; o Filho que se entrega a Si próprio pela multidão dos irmãos; o Espírito de Amor que sustenta o Filho na sua entrega de amor.

É este mistério de amor misericordioso que celebramos na Eucaristia e que está no centro da espiritualidade de Fátima, seja na adoração eucarística seja na Comunhão reparadora, para, na união com Cristo, vivermos a orientação da nossa vida e renovar o sim da oferta de nós mesmos a favor dos outros.

Nesta perspetiva, recomendamos a participação no Congresso Eucarístico Nacional em Fátima, de 10 a 12 de junho de 2016, com o tema “Eucaristia, fonte de misericórdia”.

19. A oração e o empenho pela paz

O apelo à oração e ao empenho pela paz é uma constante na mensagem de Fátima. Nossa Senhora pede a recitação do Rosário pela paz no mundo, anuncia para breve o fim da Primeira Grande Guerra, adverte para a possível catástrofe de uma nova guerra mundial se os homens não se converterem e pede a consagração do mundo e da Rússia feita pelo Santo Padre em comunhão com os bispos (isto é,

que envolva toda a Igreja) para que haja um tempo de paz. *Pode resumir-se a mensagem na declaração de Maria na terceira aparição: “Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz” (M 121).*

Na mensagem sobressai o contraste entre “a grande” história das nações e seus conflitos, a história dos grandes e poderosos, com a sua própria cronologia e geografia do poder, e a “pequena” história dos pequenos, pobres, humildes e sem poder. Estes últimos são chamados a intervir a favor da paz com outra força, outro poder, outros meios aparentemente inúteis ou ineficazes, tais como a oração, a conversão e a reparação.

Também hoje, a mensagem é portadora de um apelo suplicante à nossa geração, para que reconheça a tarefa desta hora histórica, a fim de que a humanidade não caia no abismo nem sucumba ao poder do mal. Está também presente o apelo ao confronto dos homens com a dimensão sobrenatural da paz de Deus. *Fátima será sempre um símbolo vivo desta dimensão sobrenatural do homem, como fonte da verdadeira paz: “foi a dor dos filhos que fez gritar o coração da Mãe”,* advertiu S. João Paulo II em Fátima. Rezar o Rosário pela paz é contemplar a história do mundo inteiro do ponto de vista de Deus (como história de salvação) e alegrar-se por ver Cristo “fazer novas todas as coisas”.

20. A compaixão na relação com o sofrimento e com quem sofre

Nossa Senhora foi mestra dos Pastorinhos na compaixão: com ela, eles aprenderam a “abrir o coração à universalidade do amor” (Bento XVI), a participar no amor compassivo de Jesus pela humanidade ferida, sobretudo pelos sofredores e pelos pobres pecadores que somos todos nós. Os pequenos videntes apreenderam que Deus, na sua misericórdia e ternura, não é apático nem indiferente aos homens, mas partilha o seu sofrimento e a sua suportaçãõ.

Este aspeto é uma marca da espiritualidade de Fátima como imagem da Igreja chamada “a cuidar dos feridos e a curar as feridas”, levando aos que sofrem a luz e o calor do *evangelho do sofrimento* (fazer bem a quem sofre e fazer bem com o próprio sofrimento) e do *evangelho da compaixão* de quem sofre com o outro e pelos outros, compartilhando o sofrimento e oferecendo assim a consolação do amor solidário de Deus.

21. O desafio ao testemunho da fé e da santidade

A terceira parte do segredo de Fátima põe-nos perante o testemunho da multidão imensa de mártires cristãos do século XX por causa da fé, da justiça e da caridade. Hoje, assistimos a um martírio semelhante em várias partes do mundo. Embora no mundo ocidental não haja uma perseguição violenta aos cristãos, somos chamados sobretudo a dar testemunho num ambiente de indiferença, de hostilidade e de desprezo por parte de certa cultura dominante, que procura apagar a memória viva do Cristianismo e extirpar as suas raízes. “Se Cristo voltasse hoje, os homens não o poriam na cruz, mas expô-lo-iam ao ridículo”, afirmou S. Kierkegaard. *Ser testemunhas corajosas, convictas e alegres do Evangelho, da fé e da santidade neste novo mundo plural e pluralista é um dos desafios mais importantes.* “A Igreja cresce, não por proselitismo, mas por atração” (Bento XVI).

Por sua vez, o testemunho de santidade quer dos mártires quer dos Pastorinhos convida toda a Igreja a dar-se na “medida alta da vida cristã”. É deveras impressionante e atual o testemunho dos Videntes: na sua simplicidade de vida, mostram-nos como é possível a santidade no quotidiano pela oferta de si mesmos, com a preocupação de corresponder ao amor de Deus, de não O desgostar, de rezar pela conversão de todos ao seu grande amor e testemunhar a compaixão com os que sofrem.

Na verdade, os Pastorinhos são modelo de fé e de santidade, cada qual com o seu caráter, o seu carisma, a sua vocação. Na sua pessoa e na sua história podemos contemplar a experiência da beleza de Deus, do seu amor e da sua misericórdia, que os envolveu e transformou as suas vidas. Todos procuraram responder aos apelos da mensagem da Senhora, mas cada um de modo específico: Francisco, com o espírito mais contemplativo da presença gozosa de Deus, que ele quer comunicar aos outros; Jacinta, com o espírito mais compassivo com os que sofrem e os pecadores; Lúcia, com o espírito mais comprometido na missão de testemunhar e transmitir a mensagem de misericórdia e a devoção ao Coração Imaculado de Maria.

Com a capacidade de atrair multidões, Fátima é chamada a difundir e promover a “santidade de povo”, ou santidade popular, acessível a todos, através da experiência íntima da santidade de Deus-Amor, do apelo à conversão permanente individual e da Igreja “sempre necessitada de purificação” e da vivência da comunhão dos santos.

22. A esperança na vida eterna: a boa nova do fim

É uma nota dominante da mensagem, tanto a nível individual como coletivo. Na misericórdia de Deus há uma dimensão muito profunda e bela da eternidade, como sublinha o Papa Francisco: “O facto de repetir continuamente ‘eterna é a sua misericórdia’, como faz o salmo 136, parece querer romper o círculo do espaço e do tempo para inserir tudo no mistério eterno do amor. É como se quisesse dizer que o homem, não só na história mas também na eternidade, estará sempre sob o olhar misericordioso do Pai” (MV 7).

O horizonte do coroamento final da vida faz-nos tomar consciência de que não termina tudo aqui, não se reduz tudo à figura deste mundo. O próprio Jesus nos diz que estamos com Ele desde agora e também na eternidade, porque Ele foi preparar para nós um lugar na casa do Pai.

Na mensagem de Fátima, os acontecimentos da humanidade e da Igreja são submetidos ao critério escatológico, ou do fim último, para iluminar e julgar o presente e para nos indicar o caminho reto do futuro. A advertência grave do “juízo” que paira sobre o mundo como possibilidade de autodestruição infernal, isto é, a possibilidade de tudo acabar reduzido a cinzas, é anunciada juntamente com a esperança teologal da vitória sobre o mal a partir da conversão dos corações a Deus.

Por outro lado, os Pastorinhos compreenderam e viveram a beleza do Céu que o Anjo e Nossa Senhora lhes fizeram saborear como plenitude do amor de Deus que os fascinou. Como contraste, é apresentada a situação infernal (que não se trata de uma fotografia do Inferno) de quem se encontra à margem do amor de Deus e no vazio de justiça e de salvação. Assim nos é dado ver a seriedade do amor e a responsabilidade da nossa liberdade nos dramas da história.

23. A devoção ao Coração Imaculado de Maria, ícone de Misericórdia

Uma das heranças espirituais mais preciosas das Aparições de Fátima é *a devoção ao Coração Imaculado de Maria, Mãe de Misericórdia*. Conserva uma estimulante atualidade enquanto portadora de uma espiritualidade mariana de carácter teocêntrico (centrado em Deus) e mistagógico (que nos conduz para o seu mistério). Constitui um centro polarizador e de irradiação da mensagem. Maria apresenta-se como Mãe da misericórdia, Mãe espiritual da Igreja e da humanidade. *Através do símbolo do seu Coração Imaculado, ela exerce a missão de mistagoga* dos Videntes e do Povo de Deus, iniciando-os no mistério do Amor Trinitário, da sua misericórdia e compaixão, para os tornar missionários da misericórdia divina, levando-a a todas as periferias.

Antes de mais, fala aos filhos usando a linguagem do coração. “O coração fala ao coração”, dizia o beato J. H. Newman. O mistério do amor entra pelo coração. É uma linguagem que toda a gente entende. Deste modo, “veio do Céu a nossa bendita Mãe, oferecendo-se para transplantar no coração de quantos se lhe entregam o Amor de Deus que arde no seu” (Bento XVI).

Assim, *Maria dá-nos também olhos e coração para contemplar a ternura e a misericórdia de Deus*, oferecendo o amparo maternal com que confortou a Lúcia: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus” (M 175).

Os Pastorinhos contemplaram ainda o Coração Imaculado ligado à Trindade, como contraponto da visão do Inferno, e também o *“coração cravado de espinhos”*, símbolo da mãe compassiva, ícone da *misericórdia divina*, que sente a dor dos filhos e vai em auxílio daqueles que correm o perigo de cair no abismo. A fortaleza da mãe comunica a fortaleza de Deus aos débeis corações humanos.

Ao mesmo tempo, deixa a promessa consoladora: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará... e será concedido ao mundo algum tempo de paz” (M 177)! Para além do Inferno, e não obstante o inferno do mal, há esperança de salvação! Bento XVI, na sua peregrinação a Fátima, interpretou-a assim: “No final, o Senhor é mais forte do que o mal e Nossa Senhora é para nós a garantia visível, materna, da bondade de Deus que é sempre a última palavra na história”. Trata-se da promessa do triunfo do amor nos dramas da história e de suscitar a confiança na misericórdia divina, que é mais poderosa do que o poder do pecado do mundo.

Neste contexto se situa a devoção dos primeiros cinco sábados do mês. É um meio pedagógico que concentra e alimenta os outros elementos da devoção ao Imaculado Coração de Maria com a riqueza e beleza de conteúdos acabados de expor: a conversão, o sacramento da Penitência e da Reconciliação, a Comunhão eucarística, a oração do Rosário e a meditação dos mistérios de Cristo, a misericórdia e a reparação, a intenção da paz no mundo e na Igreja.

24. A consagração ao Coração Imaculado de Maria

No contexto do triunfo da misericórdia insere-se, ainda, a consagração do mundo e da Rússia ao Coração Imaculado de Maria, com a promessa da conversão da Rússia e da paz no mundo. Foi um pedido insistente de Nossa Senhora para ser realizado pelo Santo Padre em comunhão colegial com todos os bispos do mundo. Este ato solene é, a meu ver, simultaneamente, expressão do amor materno de Maria

ao mundo sofredor e do envolvimento solidário de toda a Igreja, confiando à sua intercessão misericordiosa a causa da paz no mundo e da fidelidade da Igreja.

O ato de entrega e consagração, tal como fora pedido, só foi plenamente realizado pelo Papa João Paulo II, em 25 de março de 1984, diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições levada propositadamente ao Vaticano. O significado deste ato foi expresso pelo próprio Papa como “profissão de fé no infinito poder salvífico da redenção... mediante o Coração Imaculado da Mãe de Deus que, de modo muito particular, experimentou este poder salvífico”.

S. João Paulo II relacionou a subsequente queda dos regimes ateus e o fim das perseguições religiosas com a promessa de Nossa Senhora. Também o Sínodo dos Bispos, em 1991, declarou a propósito da queda repentina desses regimes: “Até muitos não crentes viram nestes acontecimentos quase um milagre”!

A entrega ou consagração a Maria, de modo individual ou comunitário, é uma forma de espiritualidade particularmente difundida entre os fiéis católicos. Consiste na entrega total a Deus com as nossas alegrias e dores, com Maria, por Maria e como Maria, para fazer frutificar a consagração batismal na vida e na vocação de cada um.

25. O mistério da Igreja na mensagem de Fátima

Ao longo da reflexão, aludi a alguns aspetos do mistério da Igreja que, implícita ou explicitamente, são evocados na mensagem de Fátima. Procuo agora sistematizá-los brevemente, para uma visão de conjunto: *a Igreja da oração e da adoração de Deus trinitário*, hoje e sempre tão importante, como afirma o cardeal W. Kasper: “O futuro da Igreja será determinado pelos orantes e a Igreja do futuro será sobretudo uma Igreja de orantes”; *Igreja mãe de misericórdia e de compaixão* com todos os que sofrem à semelhança do Coração Imaculado de Maria, ícone de misericórdia; *Igreja chamada à santidade correspondendo ao apelo de conversão* a exemplo dos Pastorinhos e sempre necessitada de purificação e renovação permanentes; *Igreja testemunhante* da fé, justiça, caridade e paz a exemplo da multidão de mártires; *Igreja comunhão* na catolicidade da fé à volta do “bispo vestido de branco” – o Santo Padre, a quem são feitas várias referências na mensagem – e, em união com ele, na oração de consagração do mundo e da Rússia ao Coração Imaculado de Maria; *Igreja peregrina* a caminho da Pátria Celeste, no meio de tribulações e perseguições, sob o amparo e a proteção materna de Maria.

LINHAS DE ORIENTAÇÃO PASTORAL

Após toda a reflexão anterior, quero agora apresentar algumas linhas-chave de orientação pastoral para o próximo biênio.

26. O nosso amor filial a Maria é uma expansão do amor de Cristo

A verdadeira devoção a Nossa Senhora nasceu no seio da comunidade cristã como consequência da crescente compreensão do mistério da Encarnação do Filho de Deus. Já aflora na saudação de Isabel a Maria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre... Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor” (Lc 1, 42.45).

O Papa Paulo VI explicita esta realidade de uma maneira simples e profunda: “Cristo veio a nós por Maria, recebemo-lo dela; se queremos pois ser verdadeiros cristãos, devemos reconhecer a relação essencial e vital que une Nossa Senhora a Jesus e que nos abre o caminho que a Ele conduz. Nem podemos desviar o olhar daquela que é a criatura mais semelhante a Cristo e é “a figura” da Igreja e é, como afirma o Concílio, ‘o modelo perfeito na fé e na caridade’ (LG 53.61.65)” (Discurso ao Congresso Mariológico de 1975).

É nesta base doutrinal que se fundamentam as nossas relações de amor, de louvor e de veneração a Maria, às quais chamamos devoção, piedade ou culto mariano. Podemos dizer que *a nossa devoção a Maria é a expansão do amor a Cristo que no-la deixou como mãe, mãe dos discípulos, mãe da Igreja. A nossa relação com ela reveste a forma de um amor filial que nos ajuda a viver unidos a Cristo pela fé e o mistério da nossa filiação divina.*

A oração do Rosário, com a meditação dos mistérios da vida de Cristo e da Virgem Maria, permite-nos exprimir em simultâneo o amor a Cristo e a Maria, a relação com ambos e ainda orientar tudo para a glória da Santíssima Trindade. Façamos, pelo menos algumas vezes, pessoalmente, em família e em grupo, a experiência desta oração de forma meditada e contemplativa, saboreando no coração as palavras que a boca pronuncia.

27. Critérios para uma autêntica devoção mariana

Maria é pura referência a Cristo e à Trindade Santíssima; é mãe e mestra no seguimento de Jesus, na adoração de Deus e no amor aos irmãos. Fora deste enquadramento não há verdadeira devoção mariana correspondente à verdade do Evangelho.

Deste modo, “a piedade para com a Mãe de Cristo torna-se para o fiel ocasião de crescimento na graça divina, que é a finalidade última de toda a ação pastoral. De facto, é impossível honrar a ‘Cheia de Graça’ sem honrar em si mesmos o estado de graça, isto é, a amizade com Deus, a comunhão com Ele e a inabitação do Espírito Santo” (MC 57).

Vale, assim, para toda a devoção mariana o critério apresentado pelo Papa João Paulo II em relação à devoção do Rosário: Contemplar Cristo com Maria em cinco momentos: recordar Cristo com Maria; aprender Cristo de Maria; configurar-se a Cristo com Maria; suplicar a Cristo com Maria e anunciar Cristo com Maria (Cf. RVM 12-17).

O Curso de Mariologia e o Curso sobre a Mensagem de Fátima no Centro de Cultura e Formação Cristã (CCFC), os encontros vicariais e os retiros da Quaresma ajudarão a uma visão renovada da figura de Maria e de uma autêntica devoção e espiritualidade marianas.

28. Maria, figura e modelo da Igreja

Como figura e modelo da Igreja, de que ela é “membro eminente e exemplar”, Maria leva-nos a descobrir a vida interior da Igreja, a sua alma mística, a vivência e o testemunho da vida em Cristo, e estimula-nos a viver nesta família de Deus para nos deixarmos transformar pelo Espírito Santo.

Assim, podemos ver Maria como espelho e paradigma da vocação e missão da Igreja nas múltiplas relações que a unem a Maria: *modelo da Igreja discípula crente*, que acolhe com fé e põe em prática a Palavra de Deus; *da Igreja mãe*, cuja missão é tornar Cristo vivo nos corações dos fiéis; *da Igreja virgem* na fidelidade de todo o coração ao Senhor; *da Igreja orante* no louvor e ação de graças como Maria no *Magnificat* e no cenáculo; *da Igreja profeta* anunciadora da Palavra e da justiça; *da Igreja oferente*, que faz da própria vida e missão uma entrega a Deus e caminho de santificação como Maria na apresentação de Jesus no templo e junto à cruz; *da Igreja peregrina* no meio das tribulações a caminho da Pátria da bem-aventurança; *da Igreja do Espírito do Pentecostes*, animada, unida e guiada por Ele na sua comunhão e missão; *da Igreja missionária*, em saída, como na Visitação a Isabel, para

levar a ternura e a misericórdia de Deus a todos, sobretudo aos pobres e aos aflitos lembrados no *Magnificat* (Cf. MC 16-22).

Esta dimensão mariana é o mais forte antídoto contra uma concepção de Igreja puramente organizativa e burocrática. Em consequência, os fiéis e os ministros da Igreja, pela sua relação pessoal e identificação com Maria, viverão a sua relação e zelo apostólico e pastoral com amor e espírito de serviço e não de domínio, atentos à situação das pessoas para ter iniciativas e intervenções oportunas e criativas.

29. A Igreja, Mãe misericordiosa

Neste Ano Santo da Misericórdia, a Igreja deve empenhar-se com toda a dedicação a tornar visível o rosto misericordioso de Deus. Neste campo tem uma tríplice missão: anunciar, celebrar e praticar a misericórdia na própria *praxis* pastoral.

Antes de mais, há de apresentar-se como mãe misericordiosa, com a casa sempre aberta aos seus filhos, Igreja de portas abertas e não com os ferrolhos fechados. Só uma Igreja maternalmente misericordiosa curará as feridas e libertará os homens da solidão e do desespero, porque todos saberão que podem bater à sua porta sem medo de serem rejeitados ou excluídos.

Neste sentido, o Santo Padre pede que *as comunidades cristãs sejam um “oásis de misericórdia”, isto é, “o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho”* (EG 114).

Celebraremos a abertura do Ano Santo da Misericórdia no Santuário de Fátima e na Catedral de Leiria, nos dias 8 e 13 de dezembro, respetivamente. Haverá um guião para acompanhar o rito de atravessar a Porta Santa ou Porta da Misericórdia, para que seja feito com fé e como sinal de conversão e de encontro com a misericórdia de Deus.

30. As obras de misericórdia e a sua relevância social e cultural

A misericórdia é um dom divino, mas também tarefa de todos os cristãos, chamados a praticá-la e testemunhá-la em palavras, atitudes e obras. A tradição cristã, fazendo eco do Evangelho de Mateus (Mt 25, 34-36), especificou esta tarefa nas chamadas obras de misericórdia: sete corporais e sete espirituais. Como muitos porventura já as esqueceram, ou nunca as aprenderam, citamo-las aqui na sua formulação tradicional.

As obras de misericórdia corporais são: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos; assistir os enfermos; visitar os presos e enterrar os mortos. E as espirituais são: dar bom conselho; ensinar os ignorantes; corrigir os que erram; consolar os tristes; perdoar as injúrias; suportar com paciência os defeitos do nosso próximo; rezar a Deus pelos vivos e defuntos.

Aplicadas ao contexto e às situações de hoje, elas adquirem particular relevância social e cultural. Trata-se de prestar atenção e dar resposta às necessidades materiais e espirituais de quem precisa. Para além da ajuda material, também é necessário que nos tratemos misericordiosamente uns aos outros.

Podemos dizer, com o cardeal W. Kasper, que *as obras de misericórdia respondem a quatro dimensões da pobreza* individual ou estrutural. Em primeiro lugar, *a pobreza física ou económica* que afeta milhares de pessoas que não têm o necessário para a alimentação, que carecem de roupa ou de teto e abrigo, os desempregados, os refugiados à busca de acolhimento, os portadores de deficiência ou doentes para quem não bastam as técnicas médicas, os presos que necessitam de humanização das suas condições de vida. A segunda forma é *a pobreza cultural* que se manifesta no analfabetismo, na falta de oportunidades de formação, na exclusão social e cultural. Acresce *a pobreza relacional*, isto é, a pobreza de comunicação de quem está na solidão, no isolamento, particularmente os sós e os idosos, os que sofrem o luto. Por fim, também existe *a pobreza espiritual*, que hoje representa um grave problema: o vazio interior, a confusão moral e espiritual, a perda de orientação na vida, a violência e a vingança como lei do mais forte, a perda da esperança... Neste sentido, as obras de misericórdia espirituais adquirem nova atualidade e urgência.

O Bispo realizará um sinal eclesial das obras de misericórdia com a visita aos presos, aos utentes do Centro de Acolhimento de Leiria e da comunidade "Vida e Paz" em Fátima.

Este biénio é um tempo propício para a organização do serviço de apoio aos doentes e do acolhimento aos mais fragilizados nas comunidades.

Sem a misericórdia, a nossa sociedade corre o risco de se transformar num deserto interior, árido, frio, inóspito, inumano.

31. A Penitência: o sacramento da misericórdia

A mensagem de Fátima contém um apelo forte e urgente à penitência, isto é, ao arrependimento do pecado, ao perdão e à conversão, acolhendo o dom da misericórdia. Sabemos que todos os sacramentos são sinais da misericórdia de Deus. No entanto, a Igreja sempre reconheceu que a Penitência é o verdadeiro sacramento da misericórdia de Deus que sempre nos perdoa e sempre nos concede a possibilidade de um novo começo.

Hoje, este sacramento atravessa uma crise de abandono e esquecimento nas nossas comunidades. Muitos vêm-no como um fardo, um peso, e não como um dom do Senhor ressuscitado (Cf. Jo 20, 22ss), um sacramento onde fazemos a experiência da compaixão de Deus de forma personalizada e imediata, quando nos é dito em nome de Jesus: “Os teus pecados estão perdoados”. *O perdão – como diz o Papa Francisco – é uma carícia de Deus, que nos traz a liberdade interior, a paz espiritual e a alegria. É necessário redescobrir este sacramento, mesmo por parte dos sacerdotes. Para todo o sacerdote, além de obrigação, é uma obra de misericórdia estar disponível para administrar o sacramento do perdão. Neste sentido, peço que se reveja em cada paróquia e vigararia, nas comunidades religiosas e no Santuário de Fátima o modo como se está a proporcionar e a realizar o sacramento da Penitência, procurando melhorar a sua oferta e a celebração pessoal e comunitária, tanto nos tempos como nas formas.*

Recomendamos que em cada paróquia se realize a iniciativa “24 horas para o Senhor”, na sexta-feira e no sábado da III semana da Quaresma, dedicadas à oração, adoração eucarística e celebração do sacramento da Penitência ou Reconciliação.

32. Acolher Nossa Senhora peregrina e a sua mensagem

Por ocasião do Centenário das Aparições, a imagem da Virgem Peregrina está a percorrer todas as dioceses do País, permanecendo quinze dias em cada uma. É um belo símbolo da Mãe da Ternura e da Misericórdia que vai visitar os filhos onde eles vivem e trabalham, para lhes levar a sua mensagem e para lhes fazer sentir a sua proximidade e o seu conforto.

Também nós receberemos esta visita de 1 a 12 de maio de 2016. Espero que a nossa diocese se mostre à altura e a acolha de todo o coração, exprimindo com entusiasmo a gratidão e o louvor por ter sido agraciada com o dom das Aparições em Fátima. Faço votos de que seja uma grande bênção para todos e um momento forte de evangelização.

Neste sentido, *deveremos ter presentes três aspetos particulares*: acolher a mãe que ajuda a contemplar a ternura e a misericórdia de Deus; a mãe que reúne os seus filhos em família para que cada um se sinta membro afetivo e efetivo desta família que é a Igreja; aquela mãe que convida os filhos a serem, como ela, Igreja em saída que vai levar a ternura, o calor e a alegria do Evangelho a todas as periferias. *Deste acolhimento faz parte também a nossa Peregrinação Diocesana a Fátima*, que em 2016 será sob o lema da misericórdia e, assim, nos evoca que a misericórdia é uma meta a alcançar e um longo caminho a percorrer. No segundo ano do biénio, cada vigararia fará a sua peregrinação a Fátima, para retribuir a visita da Senhora Peregrina.

Os Pastorinhos, como primeiros testemunhas e mensageiros, foram um exemplo concreto do acolhimento da mensagem da Senhora de Fátima. Por isso, far-se-á a divulgação da história e da experiência espiritual dos Pastorinhos, como incentivo à vocação universal à santidade. Em cada paróquia, celebre-se anualmente, com especial empenho, a Festa dos Beatos Pastorinhos, a 20 de fevereiro.

Ao Movimento Diocesano da Mensagem de Fátima confiamos a implementação deste movimento nas paróquias da Diocese, recomendando aos párocos e aos fiéis o acolhimento, a adesão e o apoio a este válido instrumento apostólico.

33. A presença de Nossa Senhora nas famílias, nos jovens e nas vocações

Maria é mestra de uma fé maternal, acolhedora, terna, misericordiosa, sensível às necessidades dos outros, samaritana e missionaria. Esta é também a fé dos autênticos pais e educadores cristãos, que anima muitas famílias e a pastoral juvenil e vocacional.

Maria está presente nas famílias cristãs, nos seus lares, nos cuidados de cada dia, nas relações de amor, mesmo nas dificuldades, na saúde e na doença. Muitas famílias conservam a sua imagem como sinal da sua presença permanente. Este biénio pastoral é ocasião para incentivar a oração a Nossa Senhora em família, todos os dias, como por exemplo o Terço ou algum mistério do mesmo. Se não for possível diariamente, ao menos uma vez por semana.

A força educativa da devoção mariana é especialmente eficaz e necessária na formação humana e cristã da juventude. O amor à Virgem une-nos mais afetivamente a Jesus e abre sempre caminhos novos de generosidade e fidelidade, de esforço e esperança na vida espiritual e na vida social das relações humanas, dos ideais e dos projetos de vida. A pastoral juvenil e vocacional encontra um forte apoio e

impulso na devoção profunda a Maria, na sua resposta pronta a Deus: “eis-me aqui a favor dos outros”. É neste ambiente de piedade e oração que nascem as vocações de entrega e consagração.

É pedagógico apostar no serviço do voluntariado dos jovens, tanto no campo das obras de misericórdia como no das missões. Maria ensina a sermos discípulos missionários. A propósito, desejo lembrar que a geminação da nossa diocese com a do Sumbe, em Angola, tendo assumido a nosso cargo a missão do Gungo, faz dez anos em 2016. Lá no Gungo apalpa-se a grandeza das obras de misericórdia como resposta aos vários âmbitos da pobreza. Tem sido uma epopeia da misericórdia! Tem havido sempre jovens e adultos voluntários para uma experiência de meio ano, de um ano e até de dois anos, e que testemunham depois quanto foi enriquecedora. Precisamos de mais voluntários! É a hora!

34. O Santuário de Fátima, memória viva do acontecimento e da mensagem

Na última aparição, em outubro de 1917, a Senhora do Rosário pediu aos Pastorinhos que fosse construída uma capela em sua honra naquele mesmo lugar.

O povo começou por construir a *Capelinha das Aparições* como memorial do acontecimento fundador. Com o decorrer do tempo, sentiu-se a necessidade de um recinto e de construir duas basílicas, não só pelo maior afluxo de peregrinos, mas também para dar expressão a aspetos essenciais da mensagem. “As duas basílicas refletem o significado mais profundo do que aconteceu e continua a acontecer na Cova da Iria: num extremo, na zona mais elevada, ergue-se a Basílica de Nossa Senhora do Rosário, que estende as colunatas como braços abertos para acolher e abraçar os que a contemplam; estes braços apontam em direção à Basílica da Santíssima Trindade que, do fundo e da profundidade, sustém e dá solidez ao santuário como acontecimento: a Virgem (o Imaculado Coração de Maria) é a garantia de uma misericórdia que brota do Amor Trinitário” (Eloy Bueno).

O Santuário, com a sua configuração arquitetónica, as celebrações da liturgia e a piedade popular dos peregrinos, fala de um acontecimento que perdura, mostra que não se trata de algo meramente passado, mas sempre atual. Nunca esquecerei a exclamação espontânea e extasiada do Papa Bento XVI no “papamóvel”, ao contemplar a procissão de velas na noite de 12 de maio de 2010: “Não há nada como Fátima em toda a Igreja Católica no mundo!”. Na sua visita, referiu-se ainda a Fátima como “o coração espiritual de Portugal”. Também eu já tive ocasião de afirmar que “não se compreende a Igreja em Portugal sem Fátima, nem se compreende Fátima sem a Igreja em Portugal”.

Tudo isto nos ajuda a compreender *o carisma próprio do Santuário*: ser memória viva do singular acontecimento das Aparições, velar pela mensagem atualizando-a e fazê-la chegar ao perto e ao longe, para que continue a ser fonte de conforto, esperança e paz para as pessoas e para o mundo.

Para a celebração do Centenário, o Santuário organizou um programa de sete anos, a fim de, em cada ano, irmos descobrindo a beleza, a riqueza e a profundidade da mensagem. Este ano pastoral de 2015-2016 será dedicado à esperança na plenitude da vida eterna, sob o lema bíblico “Eu vim para que tenham vida”.

O último ano, de 2016-2017, será Ano Jubilar. O programa centra-se na contemplação da beleza da Mãe do Redentor e Mãe da Igreja, sob o lema “O Senhor fez em mim maravilhas”, para cantarmos as pequenas e grandes maravilhas da graça que Deus realizou em Maria e, através dela, na história da salvação, no acontecimento de Fátima e em tantas histórias dos peregrinos devotos. *Por isso, durante o Ano Jubilar somos convidados à participação nos momentos celebrativos do Santuário, particularmente na peregrinação de 12 e 13 de maio, com a presença do Santo Padre.*

35. Maria, modelo eclesial de evangelização

Na mensagem da Senhora em Fátima vemos refletidas as características da Igreja e da sua missão. Creio que podemos apresentar a mensagem como *“um modelo eclesial para a evangelização”*, com as palavras do Papa Francisco sobre Maria na *Evangelii Gaudium*:

“Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N’Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-A, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque «derrubou os poderosos de seus tronos» e «aos ricos despediu de mãos vazias» (Lc 1, 52.53) é a mesma que assegura o calor maternal à nossa busca de justiça. E é a mesma também que conserva cuidadosamente «todas estas coisas ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19). Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem impercetíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai «à pressa» (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e

ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d'Ela um modelo eclesial para a evangelização" (EG 288).

36. Entregamo-nos a Maria

Para terminar, faço-me eco de uma exortação do Papa Francisco: *"Não nos cansemos de aprender de Maria, de admirar e contemplar a sua beleza, de deixar que ela nos conduza sempre à fonte originária e à plenitude da infinita beleza, a de Deus, que nos foi revelada em Cristo, Filho do Pai e Filho de Maria"*.

Oh! Quanto desejo que o Centenário das Aparições seja um verdadeiro momento de graça e de renovação espiritual para a nossa diocese, em que a fé de Maria nos preceda e acompanhe como farol luminoso e como modelo de maturidade cristã! Que ela nos ajude a viver sempre com maior entusiasmo, coragem e coerência a nossa fé cristã, a nossa vocação de filhos de Deus e membros vivos da Igreja, a nossa missão de construtores da fraternidade, da justiça e da paz.

À sua solicitude materna confiamos o bom êxito do nosso percurso pastoral, com a oração do Papa Francisco perante a imagem de Nossa Senhora de Fátima, da Capelinha das Aparições, em Roma, no dia 13 de outubro de 2013.

ATO DE ENTREGA A MARIA

Bem-Aventurada Virgem de Fátima,
com renovada gratidão pela tua presença materna
unimos a nossa voz à de todas as gerações
que te proclamam bem-aventurada.
Em ti celebramos as grandes obras de Deus,
que nunca Se cansa de inclinar-Se com misericórdia
sobre a humanidade, afligida pelo mal e ferida pelo pecado,
para a curar e salvar.

Acolhe com benevolência de Mãe
o ato de entrega que hoje fazemos com confiança,
diante desta tua imagem que nos é tão querida.
Estamos certos de que cada um de nós é precioso aos teus olhos

e que nada do que habita os nossos corações te é estranho.

Deixamo-nos alcançar pelo teu dulcíssimo olhar

e recebemos a consoladora carícia do teu sorriso.

Guarda a nossa vida entre os teus braços:

abençoa e robustece todo o desejo de bem;

vivifica e alimenta a fé;

ampara e ilumina a esperança;

suscita e anima a caridade;

guia a todos nós no caminho da santidade.

Ensina-nos o teu mesmo amor de predileção

pelos pequenos e pobres, pelos excluídos e sofredores,

pelos pecadores e os de coração transviado;

reúne a todos sob a tua proteção

e a todos entrega ao teu amado Filho,

Jesus Nosso Senhor.

Ámen!

(Papa Francisco)

Leiria, 15 de setembro de 2015,

Memória de Nossa Senhora das Dores

† **António Marto, Bispo de Leiria-Fátima**

SIGLAS DE DOCUMENTOS CITADOS

CVM – *Como Vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos* (de Irmã Lúcia de Jesus), Ed. Carmelo, Coimbra 2007.

EG – *Evangelii Gadium*, exortação apostólica do Papa Francisco sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 24/11/2013.

LG – *Lumen Gentium*, constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, 21/11/1964.

M – *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2010

MC – *Marialis Cultus*, exortação apostólica do Papa Paulo VI para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria, 2/2/1974.

MV – *Misericordiae Vultus*, bula do Papa Francisco de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 11/4/2015.

RM – *Remptoris Mater*, carta encíclica do Papa João Paulo II sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho, 25/3/1987.

RVM – *Rosarium Virginis Mariae*, carta apostólica do Papa João Paulo II sobre o Rosário, 16/10/2002.

ANEXO

Biénio Pastoral 2015-2017

Lema

Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia

Objetivo geral do biénio

Valorizar a figura da Virgem Maria na vida cristã à luz das Aparições de Fátima

ANO I • 2015-2016

Lema:

“Feliz de ti que acreditaste” (Lc 1, 45)

Objetivo do ano

Pôr em relevo a figura da Virgem Maria na história da salvação e na vida do Povo de Deus

Objetivos específicos

1. Conhecer a figura da Virgem Maria, mãe de misericórdia, na história da salvação e na vida da Igreja
2. Desenvolver a espiritualidade mariana na vivência da fé
3. Dinamizar as experiências do culto mariano
4. Promover a vivência do Ano Santo da Misericórdia

Ações

- 1.1 Curso de Mariologia no CCFC
- 1.2 Retiro Popular na Quaresma (com inclusão da Via Matris)
- 1.3 Recenseamento do culto mariano na Diocese
- 1.4 Encontro vicarial sobre o tema do ano
- 1.5 Elaboração e difusão de catequeses marianas
- 2.1 Guião para a oração mariana em família
- 2.2 Proposta de oração para uso pessoal e nos grupos: ato de entrega do Papa Francisco
- 2.3 Brochura com diversas versões musicadas do *Magnificat*, para ser usado como cântico de pós-comunhão ao longo do ano
- 3.1 Celebração mais cuidada das festas marianas do calendário litúrgico

- 3.2. Visita da Virgem Peregrina como momento forte de evangelização
- 4.1 Abertura do Ano Santo da Misericórdia na Catedral e no Santuário de Fátima
- 4.2. Guião para a celebração da passagem da Porta Santa
- 4.3 Visita do Bispo aos presos, aos utentes do Centro de Acolhimento de Leiria e da comunidade
“Vida e Paz” em Fátima
- 4.4 “24 horas para o Senhor”, na sexta-feira e no sábado da III semana da Quaresma, dedicadas à
oração, adoração eucarística e celebração do sacramento da Reconciliação
- 4.5 Peregrinação Diocesana a Fátima como “Peregrinação da Misericórdia”
- 4.6 Guião para uma celebração da reconciliação em família
- 4.7. Desdobrável sobre o sacramento da Reconciliação
- 4.8 Participação no Congresso Eucarístico Nacional sobre o tema “Eucaristia, fonte de misericórdia”,
em Fátima, de 10 a 12 de junho de 2016

ANO II • 2016-2017

Lema

“O meu Coração Imaculado conduzir-vos-á até Deus”

Objetivo do ano

Mostrar o relevo das Aparições de Fátima para a vida cristã e eclesial

Objetivos específicos

1. Celebrar o Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima
2. Aprofundar os diversos aspetos da Mensagem de Fátima
3. Difundir formas de piedade inspiradas na Mensagem de Fátima
4. Sublinhar a devoção aos Pastorinhos como modelo de santidade

Ações

- 1.1 Participação nos momentos celebrativos no Santuário de Fátima
- 1.2 Difusão do Movimento da Mensagem de Fátima nas paróquias
- 1.3 Peregrinações vicariais a Fátima
- 1.4 Incentivar a participação na Peregrinação das Crianças
- 1.5 Encerramento do Ano Santo da Misericórdia
- 2.1 Curso sobre a Mensagem de Fátima no CCFC

2.2 Publicação e difusão de brochura com o texto das Aparições

2.3 Retiro popular na Quaresma

3.1 Oração Jubilar de Fátima para uso pessoal e nos grupos

3.2 Devoção ao Coração Imaculado de Maria através da vivência dos Primeiros Sábados

3.3 Oração do Terço em família

3.4 Materiais para a Adoração Eucarística

3.5. Guião para o Mês de Maria

3.6 Organização nas comunidades do serviço de apoio aos doentes e do acolhimento aos mais fragilizados

4.1 Celebração paroquial da Festa dos Beatos Pastorinhos

4.2 Difusão da experiência espiritual dos Pastorinhos como incentivo à vocação universal à santidade